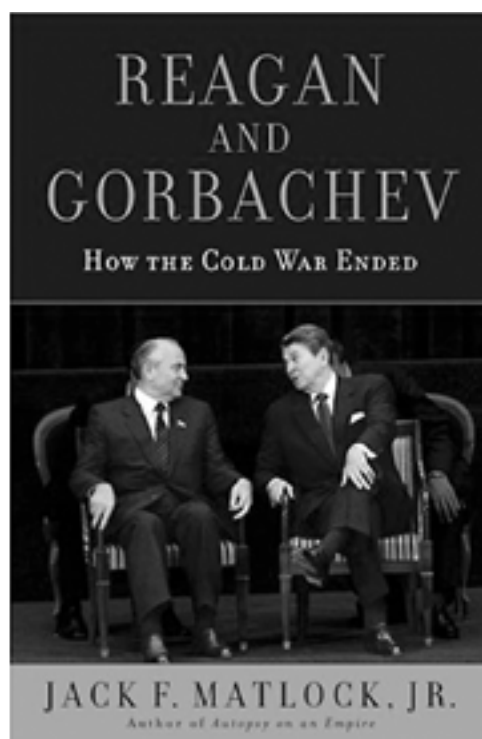
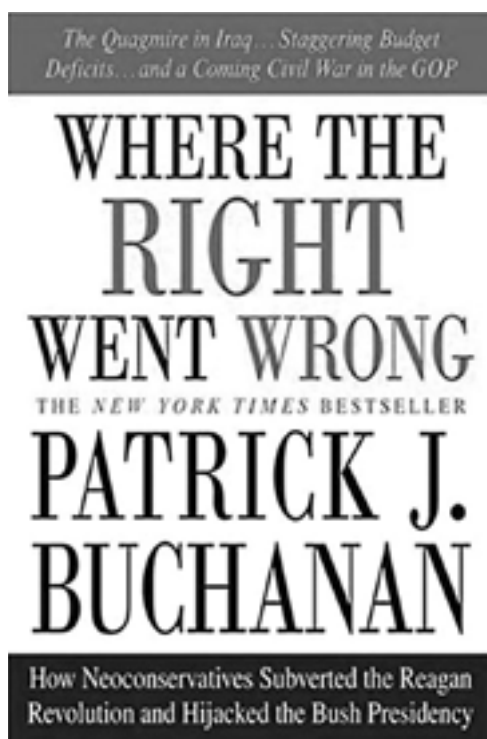


Craig Shirley, *Reagan's Revolution: The Untold Story of the Campaign That Started It All*, (Nova Iorque, Nelson Current, 2005).

Jack Matlock, *Reagan and Gorbachev: How the Cold War Ended*, (Nova Iorque, Random House, 2004).

Paul Lettow, *Ronald Reagan and His Quest to Abolish Nuclear Weapons*, (Nova Iorque, Random House, 2005).

Patrick J. Buchanan, *Where the Right Went Wrong: How Neoconservatives Subverted the Reagan Revolution and Hijacked the Bush Presidency*, (Nova Iorque, Thomas Dunne, 2004).



Quintessential Reagan

∞ GONÇALO CURADO

LICENCIADO EM HISTÓRIA, FCSH/UNL

A instituição presidencial norte-americana na década de 70 estava longe da natureza régia, uma vez identificada por Alexis de Tocqueville.¹ Nixon ecoará um *realismo de transição* onde «o wilsonismo e a *realpolitik* se fundiram»² para um equilíbrio, ténue, entre um intervencionismo comedido e o isolacionismo derrotista. *Business as (un)usual* poderia ter sido a máxima de uma

Presidência que aderiu à negociação com a União Soviética sem a prerrogativa prévia de uma inversão ideológica, que explorou a tensão sino-soviética e uma abertura à China sob o *slogan* da cooperação e que tolerou a *Ostpolitik* de Willy Brandt. *Détente* e a sua «tentação multipolar»³ inauguram uma «política de articulação» entre múltiplos pólos do sistema internacional como forma de redução das responsabilidades globais norte-americanas⁴ e da ameaça de *overstretch* militar ou moral. O carácter demasiado teórico, calculista e amoral da sua política externa, conjugado com o défice democrático e mediático de Richard Nixon conduziram a que a sua doutrina não ecoasse na consciência pública norte-americana, numa tendência depressiva que continuaria com a «Presidência Acidental» de Gerald Ford e Jimmy Carter.

Os Estados Unidos da América (EUA) dos finais da década de 70 continuavam a rever-se no famoso editorial de 1972 do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, «América: o gigante em apuros». A Administração Carter herdará as contradições de Nixon e no seu seio o debate entre a validade da estratégia de *détente* alimentará a animosidade entre o Secretário de Estado, Cyrus Vance, e o Conselheiro de Segurança Nacional, Zbigniew Brzezinski, que comprometerá toda a sua política externa. Num discurso em 1979 Carter sintetizava o estado de espírito nacional: «fomos ensinados que os nossos exércitos eram sempre invencíveis e as nossas causas justas, apenas para sofrer a agonia do Vietname. Nós respeitávamos a Presidência como um local de honra até ao choque de *Watergate*... Estas feridas ainda são muito profundas. Elas nunca foram curadas».⁵

A «Presidência Imperial»⁶ consagrada por Arthur Schlesinger só regressará com Ronald Reagan em 1981. A sua plataforma de recondução moral à concepção da *city upon a hill*, prometia «um renascimento espiritual na América»⁷ e uma política externa de coligação entre o excepcionalismo wilsoniano e a ideologização moralista jacksoniana. Reagan simbolizaria o *momento norte-americano* da década de 80.

Presidenciável

Ainda que Ronald Reagan só tenha tomado posse como Presidente dos EUA em 1981, Craig Shirley, na sua obra inaugural, não se escusa a fazer remontar a *Reagan Revolution* às primárias republicanas de 1976. Apresentando o *Grand Old Party* (GOP) republicano de 1976 como sofrendo de uma patologia depressiva que tendia a ostracizar a contribuição conservadora, o autor eleva a candidatura Reagan de 1976 à condição de bastião da depuração moral e conservadora republicana.

A tradição académica tende a fazer remontar o renascimento conservador à estrondosa derrota de Barry Goldwater em 1964, que o coagiu a um

reencontro teórico, mas Craig Shirley continua a descrever o quotidiano republicano de meados da década de 70 como dominado pelo urbanismo amoral da «ala moderada Rockefeller», que impelia vozes conservadoras para a periferia teórica e que suportava a candidatura Ford (onde o próprio Nelson Rockefeller assegurava o lugar de Vice-Presidente no *ticket* republicano). Por entre entrevistas com *key players* de ambos os lados, Shirley faz a sua obra progredir no sentido de um clímax gradualista, onde a Convenção de Kansas City é apresentada como uma etapa, não como a conclusão, de um movimento conservador pontificado por Ronald Reagan.

A corrida pelo *ticket* republicano de 1976 foi também a primeira ocasião em que, pela primeira vez, a União Soviética prestou séria atenção às primárias norte-americanas, promovendo, via KGB, um plano de «medidas activas» que sabotassem a imagem de Reagan na opinião pública norte-americana e europeia. O conteúdo de política externa nas primárias de 1976 era evidente e, em plena Convenção Republicana, a equipa Reagan forçou a aprovação partidária de uma moção intitulada «Moralismo na Política Externa». A moção representava um ataque directo à *détente* kissingeriana e à abstracção da administração Ford à mensagem de Alexandre Soljenitsine, o que não impediu a campanha Ford de a admitir, numa estratégia de contenção de danos.

Grande parte da plataforma crítica de Reagan em 1976 partia da censura ao realismo de Ford. Como o próprio confessava ao seu filho Michael, «há muito que os dirigentes soviéticos não ouvem um Presidente norte-americano dizer *nyet*».⁸ Aos seus olhos, em Helsínquia, em 1975, os EUA haviam accedido, sem prerrogativas, ao reconhecimento do domínio de Moscovo sobre a Europa Central, mediante um ténue compromisso soviético de respeito pela condição humana.⁹ Como Craig Shirley aponta, Reagan procurava recuperar a retórica da década de 50 que evidenciava a dicotomia ideológica entre os EUA e a União Soviética e que apontava a doutrina Nixon e a sua interpretação por Ford como cedências da superioridade militar norte-americana.

Presidente

No quotidiano de *stagflation* da década de 70, Reagan ressoa a crítica conservadora à política económica do *welfare state* keynesiano. Exasperando o «monetarismo» de Milton Friedman e a fórmula neoliberal postulada por F.A. Hayek em *The Road to Serfdom*, Reagan promoverá a sua campanha presidencial numa plataforma de redução de impostos e de limitação do peso social do Estado.¹⁰ Reagan instaura-se como a união entre moralistas e activistas da redução do Estado, que Adrian Wooldridge e John Micklethwait,¹¹ recentemente, identificaram como uma confluência rara na consciência conservadora norte-americana.

Na sua política externa, Reagan nunca se escusou a evocar o dogmatismo teológico para conceptualizar a Guerra Fria em termos apocalípticos e maniqueístas. Célebre ficou a sua descrição da União Soviética como um «Império do Mal». A «Doutrina Reagan»,¹² adoptou uma postura proactiva que procurava jogar no mesmo terreno do expansionismo da «Doutrina Brezhnev» e vencê-la pelo «apoio moral e material norte-americano a grupos insurgentes contra executivos marxistas no Terceiro Mundo».¹³ Em discurso perante o Parlamento britânico, Reagan descreveu a União Soviética como um Estado que «corre contra a maré da história humana ao negar aos seus cidadãos liberdade e dignidade»,¹⁴ mas nunca se escusou a procurar a convergência com ela. No seu leito de hospital, enquanto recuperava do tiro de John Hinckley, Jr., escreveu uma carta a Leonid Brezhnev num tom moral, mas suave, que demonstrava a sua fé no bom senso apaziguador de Moscovo. A resposta soviética foi um produto gélido e oficioso dos gabinetes do *Politburo*. Como afirma Jack F. Matlock, Jr., qualquer melhoria nas relações entre os dois pólos do sistema bipolar teria de aguardar por Mikhail Gorbachev.

Antigo responsável pelos Assuntos Soviéticos no National Security Council de Reagan e moldado por quatro mandatos como Embaixador norte-americano em Moscovo, na sua mais recente obra, Jack Matlock¹⁵ opta por um tom intimista, suportado pelas fontes primárias proporcionadas pela biografia de Anatoly Chernyaev.¹⁶ É uma História Diplomática da Presidência Reagan e das suas relações bilaterais com Moscovo, que tem o mérito superior de humanizar tanto Reagan como Gorbachev a partir da posição privilegiada do autor.

Ao contrário da mais recente obra de Margaret Thatcher¹⁷ que aponta como secundário o papel de Gorbachev, Matlock não se coíbe de apresentá-lo como um actor principal, cujas «concessões não eram nem desnecessárias ou unilaterais, a não ser na forma como se distanciavam do pensamento geopolítico soviético». De resto havia sido a própria Dama de Ferro a abrir as portas do sistema internacional a Gorbachev, descrevendo-o como «alguém com quem podemos negociar».

Gorbachev representava uma nova geração do *apparat* partidário que havia vivido a autocracia Estalinista e compreendido o revisionismo de Nikita Khrushchev e os resultados do expansionismo de Brezhnev. Na qualidade de regente de Konstantin Chernenko, já Gorbachev apresentava o seu plano futuro para a União Soviética que passava pela compreensão dos modernos mecanismos de mercado (*perestroika*) e pela abertura política (*glasnost*) à sociedade civil. O «Novo Pensamento» de Gorbachev em política externa passaria pelo abandono do intervencionismo de Brezhnev e pela promoção de uma melhor relação bilateral com os EUA com o móbil de restringir a dispendio-

sa corrida ao armamento. Como afirma Jack Matlock, a convergência entre Reagan e Gorbachev é evidente. Ainda que Reagan venha a encontrar em Gorbachev o mesmo défice democrático que Matlock encontrou na tradução para russo da frase de Abraham Lincoln: «*a government of the people, by the people, for the people*», este viria a ser o melhor interlocutor soviético para a sua visão estratégica. Ambos compreendiam a União Soviética como estando minada pela corrida ao armamento e pelo *overstretch* militar. É aqui que a narrativa de Matlock encontra a obra inaugural de Paul Lettow.

Paul Lettow, docente da Universidade de Oxford, ao publicar a sua tese de doutoramento adopta uma perspectiva profundamente revisionista que reafirma a vontade indubitável de Reagan na supressão de todo o armamento nuclear,¹⁸ sustentando o seu argumento com recurso a fontes norte-americanas recentemente desclassificadas.

A crença utópica de Reagan acerca da eliminação de todas as armas nucleares remonta às suas recordações do início da era nuclear e da década de 50 com os seus *backyard nuclear shelters*. Aí, Lettow encontra as raízes da contestação moral de Reagan à doutrina de MAD (mutual assured destruction), suportada apenas pela irracionalidade suicida de um confronto nuclear. No entanto, a Presidência Reagan sempre promoveu consecutivos aumentos no orçamento de Defesa e patrocinou o Pentágono na investigação de novas armas estratégicas. Como Lettow e Matlock defendem, a renovação e expansão do armamento nuclear norte-americano não era um simples incentivo à hegemonia, mas procurava evidenciar a corrosão das capacidades soviéticas e provocar a eliminação da necessidade nuclear. Na estratégia de Reagan, a Strategic Defense Initiative (SDI) de 1983, conhecida entre o grande público como «Guerra das Estrelas», ganhava um espaço especial. Na sua componente teórica, a SDI procurava assegurar a defesa continental norte-americana mediante um escudo de defesa anti-míssil presente em terra e no espaço. Mas a SDI resultará mais na sua condição teórica que prática. Membros da Administração como o Secretário de Estado, Alexandre Haig e o Director da Agência Americana de Controlo e Desarmamento, Kenneth Adelman, nunca depositaram grande fé na viabilidade da SDI, mas Reagan sempre a concebeu como o passo essencial para a admissão soviética da sua incapacidade competitiva.¹⁹

Enquanto a SDI era menosprezada na opinião pública e académica norte-americana, a União Soviética, desde logo, compreendeu que ela representaria um desafio impossível às suas capacidades. A sua resposta imediata, a RYAN (anacrónimo russo para «Ataque de Míssil Nuclear»), não iria mais longe do que apelar a uma vigilância redobrada de todos os seus agentes ocidentais face a qualquer movimentação inesperada da sociedade civil que pudesse

indiciar a iminência de um ataque nuclear. A SDI será tema recorrente das Cimeiras de Genebra (1985) e de Reiquejavique (1986), onde as narrativas de Matlock e de Lettow se tornam a encontrar. Em Genebra e, especialmente, em Reiquejavique as iniciativas bilaterais de controlo e de redução do armamento iriam falhar, muito pela obstinação de Reagan em abrir mão da SDI, mas o seu legado continuará com a assinatura do Tratado Sobre Forças Nucleares Intermédias de 1987 e com outros acordos já durante a Administração Bush.

Matlock é unânime em afirmar que «psicológica e ideologicamente, a Guerra Fria acabou antes de Ronald Reagan ter abandonado a Casa Branca». No momento em que Gorbachev renunciou à ortodoxia sólida e decana da política externa soviética e aderiu à *perestroika* e à *glasnost*, a União Soviética perdia o seu fio condutor e a Guerra Fria a sua razão. Como afirmou François Mitterrand, «tudo começou em Moscovo. As ditaduras não sobrevivem à dúvida. Ora, a *perestroika* de Gorbachev exprimia uma dúvida fundamental sobre o sistema soviético»,²⁰ mas como advogariam Matlock e Lettow, foi Reagan que colocou a pergunta.

O litígio pela herança *Reaganite*

Na originalidade unipolar do pós-Guerra Fria, a herança Reagan assume um modelo conceptual e conhecerá inúmeros e diversos pretendentes. Na década de 90, o *Project for the New American Century* de 1998 reunirá as vozes neoconservadoras na demanda por uma «liderança assertiva» e, em 1996 William Kristol e Robert Kagan haviam já apelado a uma «*Neo-Reaganite Foreign Policy*»,²¹ que abstraísse as hostes conservadoras da incerteza entre realismo, isolacionismo e wilsonianismo, pelo exercício de uma «benevolente hegemonia» de «superioridade militar e confiança moral». Inúmeras monografias neoconservadoras²² fazem o esforço de traçar a génese do «momento neoconservador» à Presidência Reagan e, mais recentemente, James Mann²³ não se escusou a enfatizar o papel de Dick Cheney e de Donald Rumsfeld junto de Reagan.

Longe do conservadorismo tradicional da *Heritage Foundation*, a mais recente obra de Patrick Buchanan, recorrente candidato presidencial republicano, é produto óbvio do populismo conservador do seu autor. O discurso é profundamente xenófobo na denúncia do que o autor considera ser uma «mexicanização» dos EUA e subtilmente anti-semítico na sua censura selectiva de neoconservadores judeus como Irving Kristol e Paul Wolfowitz e do seu apoio incondicional a Israel. Por vezes os argumentos de Buchanan convergem com a narrativa liberal ou pacifista. Assim acontece na sua condenação veemente da Guerra do Iraque e da fé da Administração Bush na exportação do princípio democrático por meio de guerras «preventivas» e de «*regime*

change». Enquanto que o paralelo casuístico que cria entre o 11 de Setembro de 2001 e a presença norte-americana no Médio Oriente, só poderá ser compreendido como fundamento para o seu isolacionismo populista. A herança Reagan que Buchanan reclama é fruto de um já raro populismo conservador que, em política externa, proclama que «o verdadeiro interesse nacional dos EUA não poderá ser encontrado em qualquer hegemónica ou utópica ordem mundial». A sua narrativa é profundamente simplista e redutora, procurando traçar paralelos factuais entre os actual momento norte-americano e o crepúsculo imperial de Roma, como forma de sustentar a necessidade da retracção da presença militar norte-americana no mundo e um regresso ao moralismo retórico de Reagan. Afirmando que «os Estados Unidos embarcaram numa política neoimperialista», produto do jacobinismo revolucionário neoconservador e do seu ímpeto intervencionista, Buchanan surge como uma estranha aliança entre o conservadorismo isolacionista da infância da nação norte-americana e uma narrativa de *sound bytes* populistas.

O que parece escapar a todos os seus pretendentes é que a política externa de Ronald Reagan, mais do que um sólido modelo ontológico, sempre se pautou por uma profunda maleabilidade pragmática envolta numa capa moralista. A «Doutrina Reagan» em política externa optou por confrontar o internacionalismo de Brezhnev, mas sempre o fez em situações de «conflitos de baixa intensidade», como Grenada ou no Líbano, onde poderia minimizar as baixas militares. Reagan sempre compreendeu que Nixon, em essência, estaria correcto em enfatizar o interesse nacional na política externa. A Nixon, Reagan foi buscar a sua afabilidade e uma justificação moral da acção, daí que Richard Lowry tenha falado de um «realismo *reaganite*». ²⁴ O pragmatismo com justificação moral será a sua maior herança, no momento em que o interesse nacional dos EUA passaria pelo seu reencontro espiritual.

Notas

- 1 Alexis de Tocqueville, *Democracy in America* (Nova Iorque: Bantam Classic Books, 2000), pp. 137-40, «Differences between the Position of the President of the United States and that of the Constitutional King of France», Capítulo VIII.
- 2 Henry Kissinger, *Diplomacia*, (Lisboa: Gradiva, 1996), p. 616.
- 3 A expressão pertence a Luís Nuno Rodrigues, «Nixon e a tentativa multipolar», comunicação apresentada durante o colóquio «Os Estados Unidos e a Ordem Internacional», Instituto português de relações internacionais – Universidade Nova de Lisboa/FLAD, 30 de Setembro – 1 de Outubro de 2004.
- 4 Robert S. Litwak, *Détente and the Nixon Doctrine: American Foreign Policy and the Pursuit of Stability 1969-76* (Cambridge: Cambridge University Press, 1984), pp. 74-119.
- 5 Citado em Hugh Brogan, *The Penguin History of the USA* (Londres: Penguin Books), 1999, p. 669.
- 6 Arthur Schlesinger, Jr., *The Imperial Presidency* (Nova Iorque: Mariner Books, 2004).
- 7 Ronald Reagan em discurso de campanha, citado em Martin Walker, *The Cold War* (Londres: Vintage, 1993), p. 260.
- 8 Deborah Strober e Gerald Strober (eds.), *Reagan: The Man and his Presidency* (Boston: Houghton Mifflin, 1998), p. 9.
- 9 Ronald Reagan em discurso nacional de Março de 1976 haveria de dizer: «Abrimos mão da liberdade de milhões de pessoas – uma liberdade que não era nossa para dar». Citado em Peter Schweizer, *Reagan's War* (Nova Iorque: Doubleday, 2002), p. 90.
- 10 No seu *Discurso Inaugural* de 20 de Janeiro de 1981 afirmava: «Nós somos uma Nação que tem um governo, não o contrário... Chegou a hora de verificar e reverter o crescimento do Estado que dá sinais de ter crescido para além do consentimento dos governados».
- 11 Adrian Wooldridge e John Micklethwait, *The Right Nation: Conservative Power in America* (Londres: Penguin Press, 2004).
- 12 Exemplos da «Doutrina Reagan» podemos encontrá-los no apoio norte-americano aos Sandinistas da Nicarágua e aos *Mujahideen* afegãos contra a invasão soviética do Afeganistão; na intervenção militar norte-americana na ilha de Grenada e na anulação da «Emenda Clark» que limitava o apoio dos EUA à UNITA, em Angola. O seu modelo teórico estará presente na *National Security Decision Directive 75* do National Security Council (1983), onde se pode ler que a política norte-americana face à União Soviética procuraria «a contenção e, com o tempo, a reversão do expansionismo soviético».
- 13 Ted Galen Carpenter, *US Aid to Anti-Communist Rebels: The «Reagan Doctrine» and its Pitfalls* (Washington DC: Cato Institute, 1986), p. 5.
- 14 Citado em Stephen Graubard, *The Presidents* (Londres: Penguin Books, 2004), p. 564.
- 15 A sua obra anterior é *Autopsy on an Empire: The American Ambassador's Account of the Collapse of the Soviet Union* (Nova Iorque: Random House, 1995).
- 16 Anatoly Chernyaev foi o Conselheiro de Segurança Nacional de Gorbachev. A sua obra é *My Six Years with Gorbachev* (Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2000).

- 17 Margaret Thatcher, *A Arte de Bem Governar* (Lisboa: Quetzal, 2004).
- 18 O argumento é recorrente, podemos encontrá-lo em Peter Schweizer, *Victory: The Reagan's Administration's Secret Strategy that Hastened the Collapse of the Soviet Union* (Nova Iorque: Atlantic Monthly Press, 1994).
- 19 A intenção final de Reagan não era original e promulgava uma partilha da tecnologia da SDI com a União Soviética segundo o modelo Truman do Plano Baruch de 1946. Ver Casper W. Weinberger, «Arms Reduction and Deterrence» (*Foreign Affairs*, Vol. 66, nº 4, Primavera de 1988), pp. 700-19.
- 20 François Mitterand, *Memórias Interrompidas* (Lisboa: Temas e Debates, 1996), p. 11.
- 21 William Kristol e Robert Kagan, «Toward a Neo-Reaganite Foreign Policy» (*Foreign Affairs*, Vol. 75 nº 4, Julho/Agosto de 1996), pp. 18-32.
- 22 Como mero exemplo, consultar Jay Winik, *On the Brink: The Dramatic Behind the Scenes Saga of the Reagan Era and the Men and Women Who Won the Cold War* (Nova Iorque: Simon and Schuster, 1996).
- 23 James Mann, *The Rise of the Vulcans* (Londres: Penguin Books, 2004), pp. 138-42.
- 24 Richard Lowry, «Reaganism v. Neo-Reaganism», (*The National Interest*, nº 79, Primavera de 2005), pp. 35-41.

POLÍTICA INTERNACIONAL



Normas de colaboração

A revista «Política Internacional» é uma publicação de estudos de política externa e de relações internacionais.

Os textos enviados devem ser originais e não submetidos simultaneamente a outras publicações. A redacção dos mesmos poderá ser feita em língua portuguesa, francesa ou inglesa. O português será o idioma utilizado na totalidade da edição. As traduções serão da responsabilidade da «Política Internacional».

Os manuscritos devem ser entregues em suporte informático (disquete ou CD-ROM), processados em *Word* e/ou *Excel*, fazendo-se acompanhar de uma cópia impressa. Os mesmos poderão ser igualmente enviados por correio electrónico para o endereço redacao@politicainternacional.com, enviando as cópias em papel por correio convencional.

Na sequência de uma primeira escolha, da responsabilidade do Conselho Editorial, os textos aceites, sem menção dos autores, serão avaliados por um ou dois *referees*. Os pareceres dos *referees*, sem indicação dos seus nomes, serão enviados aos autores, quando tal se justificar. A decisão final de publicação é tomada pelo Conselho Editorial, tendo em conta os pareceres dos *referees*.

O Conselho Editorial reserva-se o direito de proceder às alterações indispensáveis para uniformizar os títulos, os subtítulos, as notas e as referências bibliográficas.

Para mais detalhes consulte www.politicainternacional.com
ou envie um *e-mail* para redacao@politicainternacional.com

